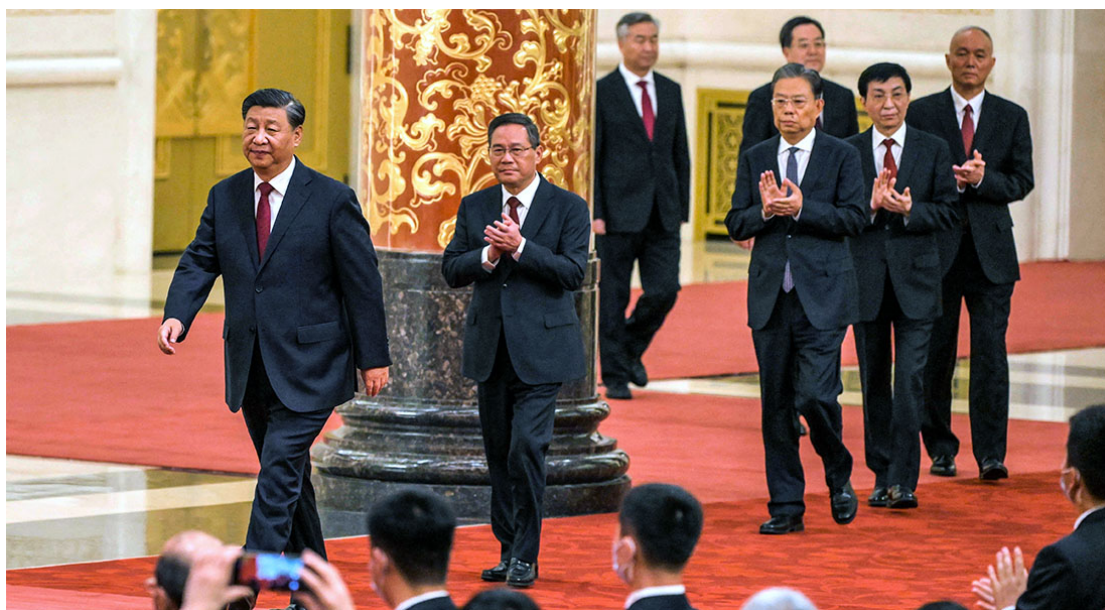


A MENSAGEM DO CONGRESSO DO PARTIDO DA CHINA

Por M. K. Bhadrakumar*



Xi Jinping com os novos membros do comitê permanente do politburo, Li Qiang, Zhao Leji, Wang Huning, Cai Qi, Ding Xuexiang e Li Xi em uma reunião com a mídia no Grande Salão do Povo, Pequim, 23 de outubro de 2022 (Wang Zhao/AFP via Getty Images).

Sem mencionar nenhum país específico, embora em mensagem clara aos EUA, relatório do congresso destaca que a China se opõe ao hegemonismo, unilateralismo e à mentalidade da Guerra Fria.

O destaque do recente 20º Congresso Nacional do Partido Comunista (PCC) da China foi a reeleição de Xi Jinping como secretário-geral por mais um mandato de cinco anos. A tradição estabelecida por Deng Xiaoping na era pós-Mao Zedong foi deixada de lado. Isso não foi inesperado e foi amplamente interpretado como uma consolidação do poder político pelo líder em exercício. Isso é parcialmente assim, mas não inteiramente. Suas consequências são amplas.

Basicamente, o PCC tem mantido a guarda alta para enfrentar desafios sem precedentes no ambiente externo da China. A composição do Comitê Permanente do Politburo (PSC) do Comitê Central do PCC ressalta isso. O PSC é composto por pessoas que Xi conhece e com quem trabalha há anos e que ele considera fidedignas e confiáveis. Há muita proximidade entre Xi e elas. Li Qiang, que ocupa o segundo lugar no Comitê Permanente do Politburo e deve ser eleito o próximo primeiro-ministro da China, é conhecido por trabalhar diretamente sob Xi desde 2004.

Além disso, há todas as possibilidades de que Xi permaneça no poder mesmo além do atual mandato que termina em 2027. Os adversários da China – principalmente

os Estados Unidos – podem muito bem se convencer que explorar as brechas e rivalidades entre facções continuará sendo um sonho.

A importância desse tipo de mobilização da unidade partidária no contexto atual não pode ser subestimada. De acordo com a agência de notícias *Xinhua*, Xi assumiu um papel direto na seleção de candidatos para o novo Comitê Central do PCC, o órgão crucial de qualquer partido comunista, que é a autoridade final de tomada de decisão entre congressos e mediadores, uma vez que o processo de centralismo democrático tenha sido concluído e levado a uma posição acordada.

Sem dúvida, Pequim está se preparando para reagir aos EUA com vigor renovado. A nova liderança não deixará de ser conflituosa se os EUA pisotear os interesses centrais da China. A espiral de hostilidade aumentará à medida que a China sentir que os EUA estão se preparando para um conflito. Em um comentário editorial, o jornal do PCC *Global Times* observou que “a fonte de tal ‘hostilidade’ vem dos EUA, e a resposta e as contramedidas da China são, por natureza, uma defesa legítima. As várias ações de Washington contra Pequim são como cortar intencionalmente na frente do carro alheio na estrada”.

O relatório ao Congresso do Partido destacou que a China se opõe inabalavelmente ao “hegemonismo e à política de poder em todas as suas formas”, bem como ao “unilateralismo, protecionismo e intimidação de qualquer tipo”. O país também se opõe à “mentalidade da Guerra Fria, interferência nos assuntos internos de outros países e duplos padrões”. Embora nenhum país tenha sido especificamente mencionado neste contexto, a referência é inequivocamente aos EUA. A China não será mais pacificada por formalidades na forma de palavras vazias.

Claramente, a mais recente Estratégia de Segurança Nacional divulgada pela Casa Branca apenas alimentará ainda mais a hostilidade ao destacar a China como o único rival global de Washington que abriga a intenção de reformular a ordem internacional e tem crescente poder econômico, diplomático, militar e tecnológico para avançar um objetivo.

Xi respondeu quando enviou em 26 de outubro uma mensagem de felicitações ao Jantar de Gala anual do Comitê Nacional de Relações Estados Unidos-China. Xi disse que “o mundo hoje não é tranquilo nem estável. A China e os Estados Unidos são dois países importantes. Uma comunicação e cooperação mais estreitas entre os dois países ajudarão a trazer maior estabilidade e certeza ao mundo e promover a paz e o desenvolvimento mundiais. A China está pronta para trabalhar com os Estados Unidos para encontrar o caminho certo para se dar bem na nova era com base no respeito mútuo, coexistência pacífica e cooperação ganha-ganha, o que beneficiará não apenas os dois países, mas também o mundo inteiro”.

Na realidade, a trajetória política dos EUA em relação à China atualmente se baseia na tentativa de impedir que a China tenha acesso à última geração de semicondutores e alcance as tecnologias de defesa dos EUA. Mas não é apenas fútil, mas ingênuo, achar que qualquer tecnologia pode ser mantida como exclusividade de qualquer país por qualquer período de tempo, ou que a liderança tecnológica de um país em um determinado setor da economia possa ser assegurada por meio

de restrições à exportação. Com certeza, os chineses sempre encontrarão um caminho.

É o mesmo com as mudanças climáticas. O enviado climático do presidente Biden, John Kerry, reconheceu recentemente que não pode haver uma agenda global efetiva de mudanças climáticas sem a cooperação ativa da China. Mas então ele passou a propor a ideia bastante pitoresca de manter a agenda da mudança climática em uma bolha separada das preocupações geopolíticas, como ele colocou. Isso não vai decolar.

O *Global Times* escreveu: “Kerry pode ser sincero em seu desejo de retomar a cooperação China-EUA no campo das mudanças climáticas, mas provavelmente deveria primeiro persuadir o governo dos EUA a remover os obstáculos, por exemplo, levantando sanções à indústria fotovoltaica de Xinjiang e cessando a repressão irracional à China no campo de *chips*.”

A questão é que Xi nunca tentou iniciar uma nova guerra fria. Nem provocou o confronto atual. A China também não está buscando liderança global, mas está focada em seu desenvolvimento e aspirações nacionais de se tornar uma sociedade próspera sem interferência externa. São os EUA que querem exercer a hegemonia global, enquanto a China não tem experiência ou vontade de impor sua vontade.

A bola está no campo de Washington, mas nenhuma mudança significativa precisa ser esperada no curto prazo. O Congresso do Partido transmitiu um sinal inequívoco de que a China não comprometerá a integração de Taiwan. Xi falou sobre uma reunificação pacífica, mas não descarta o uso da força, se necessário.

Xi disse: “Continuaremos a lutar pela reunificação pacífica com a maior sinceridade e o máximo esforço, mas nunca prometeremos renunciar ao uso da força e nos reservamos a opção de tomar todas as medidas necessárias. Isso é direcionado apenas à interferência de forças externas e dos poucos separatistas que buscam a “independência de Taiwan” e suas atividades separatistas”.

A decisão de consagrar na constituição do PCC o compromisso de buscar uma reunificação chinesa enquanto contém aqueles que proclamam a independência de Taiwan deve ser levada muito a sério. A pressão está aumentando em Pequim. A crença anterior era de que, com o passar do tempo, as circunstâncias conducentes à reunificação pacífica só se fortaleceriam à medida que a China continuasse em ascensão. Essa estimativa não é mais válida, graças à estratégia do governo Biden de *queerizar* incansavelmente. O cerne da questão é que qualquer hesitação percebida por parte de Pequim em tomar medidas decisivas só pode fortalecer as forças que apoiam a independência de Taiwan. O tempo está se esgotando para Pequim.

É por isso que a eleição taiwanesa em 2024 será um ponto de inflexão. Pequim não pode se dar ao luxo de viver com outro mandato para o Partido Democrático Progressista em Taipé. Para os EUA também, por outro lado, o tempo está se esgotando, pois a China só apresentará maiores desafios econômicos, militares e ideológicos com o passar do tempo.

Onde a Ucrânia e Taiwan são semelhantes também é nisso: nem a Rússia nem a China terão permissão para alcançar os EUA em um grupo parelho. O que outros países – seja a Alemanha, a Índia ou o Irã – também devem ser cautelosos é também isto: que existem limites além dos quais eles não podem aspirar a crescer, para não serem recortados e sofrerem redução de tamanho.

Se para a China, um ambiente externo pacífico é uma necessidade imperativa para que ela se transforme em uma sociedade próspera, para os EUA, esta é a última oportunidade de desacelerá-la. Taiwan, cortando o fornecimento de chips etc. abre a mesma caixa de ferramentas com o objetivo singular de enfraquecer a China e retardar seu progresso. Não é diferente, essencialmente, da Ucrânia ou dos gasodutos Nord Stream.

O Congresso do Partido enviou uma mensagem de que o PCC está intensamente consciente da interação. A consolidação da liderança precisa ser entendida adequadamente e não vista como engrandecimento.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
